

Como as Crianças usam o Clítico em Frases Imperativas no Discurso Direto? ¹

Ana Célia Clementino, Moura/UFCE

Doutora em Educação – Professora do Dpto.
Letras Vernáculas/UFC

RESUMO: Pesquisas já comprovaram que há, no português brasileiro, uma preferência pelo uso dos clíticos na posição de próclise, principalmente quando se trata de discurso direto. O principal objetivo desse trabalho, que também trata dos clíticos no português brasileiro, é mostrar como as crianças em fase de aquisição da língua escrita empregam os pronomes átonos, se as falas aparecem no imperativo. Para procedermos a análise, fizemos o levantamento do emprego do pronome nesse uso e entrevistamos 15 crianças da escola particular e 15 da pública para constatar que critérios elas adotam - se gráfico, semântico ou estilístico - para fazer suas escolhas. Revelou-se saliente que as crianças em fase de aquisição da língua escrita não empregam os clíticos de maneira aleatória, estão sempre ajustando suas escolhas a critérios gráfico, semântico ou estilístico. Revelou-se também que a escola dá tratamento imperativo e normativo ao emprego do clítico em frases imperativas, desconsiderando questões contextuais de usos linguísticos. **PALAVRAS-CHAVE:** Clíticos, aquisição da língua escrita

1. Situando o Estudo

Esse trabalho pretende mostrar que decisões tomam as crianças, com relação ao emprego do clítico em frases do discurso direto, quando os verbos ocorrem no imperativo.

Sabe-se que, como afirma Said Ali (1966), na fala brasileira, manifesta-se a tendência decisiva para a colocação proclítica. Segundo Moreira (1991:1), "um dos fatores concorrentes para essa tendência proclítica é o ritmo binário do português do Brasil, i.e., a alternância entre sílabas fortes e fracas, associado a uma pauta acentuai paroxítonizante. Como os pronomes clíticos são formas átonas, agregam-se a formas verbais, funcionando como sílabas pretônicas do verbo a que se ligam. A posição proclítica, assim, atende a preferência por vocábulos paroxítonos. A rejeição pela ênclise poderia ser explicada pela tendência de se evitar a formação de vocábulos proparoxítonos".

Na leitura dos textos narrativos, em que o discurso direto se faz presente, observamos que as crianças realmente preferem a próclise na constituição dos diálogos e a ênclise, na narração, interessa-nos, no entanto, nesse trabalho, averiguar especialmente como agem as crianças, quando no diálogo usam o verbo no

¹ Este trabalho é parte da Dissertação de Mestrado "O uso dos pronomes clíticos por crianças em fase de aquisição da linguagem escrita". FACED/UFC. 1996

imperativo. Almeida (1992) e outros dedicados ao estudo da gramática tradicional (a normativa), apresentam o imperativo como o modo que a ação verbal se faz com império - denotando ordem, mas que também pode indicar exortação e súplica.

Cagliari (1993), analisando os elementos sintáticos através da prosódia, defende que o uso da próclise permite que o pronome receba um acento tônico, enquanto o mesmo pronome em posição de ênclise, jamais poderá ter esse destaque. Assim, quando o falante diz *me disseram a verdade*, está enfatizando o *me* e ao dizer *disseram-me a verdade*, o verbo é o elemento destacado. Ressalta o autor que a preferência pelo uso da próclise no português brasileiro mostra a tendência que temos de enfatizar as personagens do discurso.

No que diz respeito ao emprego do clítico em frases imperativas, afirma Ribeiro (1921) (2) que o uso da próclise com imperativo tem um significado de pedido e não de ordem. Esta se expressa com a ênclise. Um pedido é mais pessoal, daí ressaltar-se o pronome, e a ordem enfatiza o que se manda fazer, recaindo, portanto a ênfase no verbo. Essa observação nos faz retornar ao momento da testagem do nosso instrumento dessa pesquisa, quando Paulo Filho (8a), ao se deparar com as construções *acompanhem-me* e *me acompanhem*, preferiu a primeira para fazer parte do livro e justificou, argumentando que, quando dizemos "me acompanhem, sou eu que com as outras pessoas e acompanhem-me, eu vou na frente e os outros é que me seguem". Quer dizer, com a próclise, a ênfase recai no *me*, que representa a primeira pessoa, a personagem; com a ênclise, a ênfase recai no verbo, daí essa criança dizer que vai na frente e os outros é que devem acompanhá-lo. A ação de acompanhar está sendo enfatizada.

Para analisar o emprego do clítico no discurso direto com o verbo no imperativo, decidimos, além de fazer o levantamento do emprego do pronome nessas construções, entrevistar as crianças com o objetivo de ver em que se apoiavam para fazer suas escolhas.

Constituíram-se sujeitos dessa pesquisa, trinta crianças, quinze da escola pública (EPu) e quinze da particular (EPa). Havia crianças da 2^a, 3^a e 4^a séries. Sempre que fizemos referência a elas indicaremos a série que cursavam e o tipo de escola que frequentavam. Entrevistamos todas, a fim de buscar dados que elucidassem as razões das preferências delas no processo de construção de diferentes diálogos de mais variadas personagens. Procuramos, durante as entrevistas, colocar as crianças diante de situações em que teriam que optar entre frases de diálogos com verbos no imperativo.

Utilizamos um livro de história em que não há texto e, para cada página, elaboramos duas frases. No início da entrevista, pedíamos que a criança folheasse o livro, observasse suas gravuras e imaginasse uma possível história para ele. Embora o livro não apresentasse uma história escrita, suas figuras levaram os sujeitos a imaginar narrações semelhantes: uma comunidade indígena, juntamente com os animais com os quais conviviam,

sente-se ameaçada com a chegada de caçadores que invadem a aldeia. O ataque só acabou quando Água-Corrente, um índio ainda criança, conseguiu expulsar os caçadores. Ele soltou sobre as cabeças dos invasores uma caixa de marimbondos. Água-Corrente tornou-se, assim, o herói de seu povo.

Depois que a criança imaginava e contava a história, entregávamos a ela os pares de frases para que lesse e escolhesse a que achasse melhor para compor o livro. Durante a entrevista, **além** de gravarmos, foram anotados todos os movimentos ou manifestações de dúvida, certeza ou questionamento expressos por gestos ou olhares da criança.

Os resultados nos mostraram que o uso da ênclise no discurso direto com verbos no imperativo foi maior na escola particular (66,7%) do que na escola pública (43,3%). Constatamos também que o emprego do pronome em posição proclítica ou enclítica não se destaca em nenhuma série específica na escola particular. Já entre as crianças da escola pública o uso da próclise vai dando lugar ao da ênclise, à proporção que a criança vai se adiantando na **série**.

2. Algumas Evidências

"É quase a mesma coisa, mas 'anime-se' dá mais força.

'Se anime' é meio sem graça, é só pra dizer mesmo.""

(Cláudia. 9a).

Elaboramos três pares de frases com verbo no imperativo. Cada par continha uma frase com a ocorrência da próclise e outra com a da ênclise: "*Por que essa cara tão triste, cacique? Se anime!* / *Por que essa cara tão triste, cacique? Anime-se!*" (F1), "*Você errou, Teobáldo. Se concentre e atire!* / *Você errou, leobalão. Concentre-se e atire!*" (F2) e "*Cacique, salve a gente!* / *Cacique, nos salve!*" (F3). De agora em diante denominadas apenas de F1, F2 e F3. A primeira frase faz parte do diálogo entre o cacique e um índio adulto; a segunda aparece em uma conversa entre dois caçadores e a terceira ocorre no momento em que, com muito medo dos caçadores, ura macaco se dirige para o cacique. As construções iniciadas com a próclise, embora sejam condenadas pela gramática tradicional, são usuais na língua falada.

Talvez se possa supor que as crianças em fase de aquisição da língua escrita percebem que o imperativo denota ordem, antes de entenderem que também pode tratar-se de aconselhamento ou pedido, pois muitas vezes justificavam sua preferência pela ênclise, considerando a força que traduzia essa construção. Vejamos algumas escolhas e observemos os comentários de algumas crianças, quando lhes perguntamos o porquê da escolha.

"'anime-se' para animar mais"

(Marcela, 8a-2ªEPu). "'anime-se' é

mais forte; diz pra ele se animar"
(Rildo, 11a-4ªEPu) "'anime-se' dá mais força;

'se anime' é só pra dizer mesmo"
(Cláudia, 9a-3ªEPa)
"'anime-se' dá mais ação a frase"
(João Artur, 10a-3ªEPa)

Gostaria de registrar o comportamento linguístico de Aldenizia (3ªEPu) e Laís (2ªEPa) que, embora tenham preferido a frase em que o pronome está enclítico (*Você errou Teobaído. Concentre-se e atire*), quando foram justificar sua escolha usaram o mesmo pronome e o mesmo verbo, só que em posição proclítica. Em suas justificativas, elas não tinham intenção de expressar ordem, mas simplesmente dizer o que compreenderam da frase. E disseram:

"'concentre-se', mandou se concentrar"
(Aldenizia, 13a-3ªEPu)
"porque é pra ele (o caçador) se concentrar mais e 'concentre-se' é mais usado"
(Laís, 8a-2ªEPa)

Outras crianças, mesmo preferindo a ênclise, não explicitaram em suas respostas a consciência do valor enfático do verbo, quando o pronome lhe segue e,

"'anime-se' explica melhor"
(Luana, 9a-2ªEPa) "'se anime' fica sem sentido"
(Joice, 9a-3ªEPa)
"'concentre-se' fica melhor"
(Natasha, 10a-4ªEPa)
"'porque esta (apontando para 'anime-se') está insinuando mais que esta (apontando para 'se anime')"
(Cristiano, 12a-3ªEPu)
"'anime-se' é mais corretamente"
(Jansênio, 12a-4ªEPu)

Três crianças, todas da escola particular, justificaram suas opções levando em consideração a diferença dialetal da linguagem usada pelo caçador e pelo índio;

"'se concentre', por causa que pra ele também é como se fosse pro Água-Corrente"
(Filipe, 8a- 2ª EPa) "'concentre-se' porque os caçadores falam diferente dos índios"
{Cláudia, 9a-3ªEPa} "Dá mais certo 'concentre-se', indica que está falando com o caçador"
(Ticiano, 9a-4ªEPa).

Por suas respostas, as duas meninas demonstraram reconhecer que há uma diferença entre a linguagem do caçador e a do índio. Para elas, os caçadores empregam e compreendem uma linguagem mais elaborada, daí o uso da ênclise.

Filipe confundiu o falante, ele não percebeu que não se tratava da fala do índio e seu critério de escolha baseou-se na linguagem que seria usada por este. Talvez, se a criança notasse tratar-se da fala do caçador, tivesse optado pelo uso da ênclise, como o fez na Fl ("Por que essa cara tão triste, cacique? Anime-se!")

Entrevistadora: "Por que você prefere essa? (referindo-se à que tem a forma 'anime-se')".

Criança (3): "Porque é assim: pra ele (mostrando o Água-Corrente) é melhor assim 'te pegar' (apontando para o 'te' antes do verbo). E para esses (cacique e seu amigo índio) é melhor assim (apontando para a construção com ênclise)".

Algumas crianças fizeram suas escolhas levando em conta o uso da linguagem elaborada, já que essas frases comporiam um livro. Para nós, ficou bastante evidente a preferência das crianças pela linguagem elaborada, quando se trata de um texto escrito; todas demonstraram um agudo senso de exigência no tocante à língua escrita (4,. Observemos as justificativas:

Criança: "anime-se'. Também tem essas outras que a gente diz no nosso dia-a-dia, e outras que ficam melhor no livro".

Entrevistadora: "Então essas que você está escolhendo é que a gente não diz no dia-a-dia?".

Criança: "É. É muito difícil a pessoa falar assim 'anime-se'".

Entrevistadora: "E pro livro você acha melhor 'anime-se'?"

Criança: "E." (Samya, 13a-4ªEPu)

"Porque 'anime-se' está dizendo as palavras certas, pois o 'se' é para estar depois". (Antônia Carolina, 12a-4ªEPu).

Até agora vimos tentando mostrar que a presença do verbo no imperativo foi um fator determinante para a escolha da ênclise, mesmo se tratando de discurso direto. Embora a criança esteja transcrevendo um diálogo, ela parece ter consciência de que, se esse diálogo vai constar escrito em algum material, as falas deverão apresentar uma linguagem mais elaborada, mais lapidada. Se olharmos para os dados quantitativos dos quadros 1 e 2, isto se comprova nas crianças da escola particular, 66,7% usam a ênclise, Já na escola pública, apenas 43,3% usam o pronome enclítico.

Quadro 1

Distribuição do emprego da próclise e cia ênclise em frases do discurso direto com verbo no imperativo, na escola pública.

Quadro 2

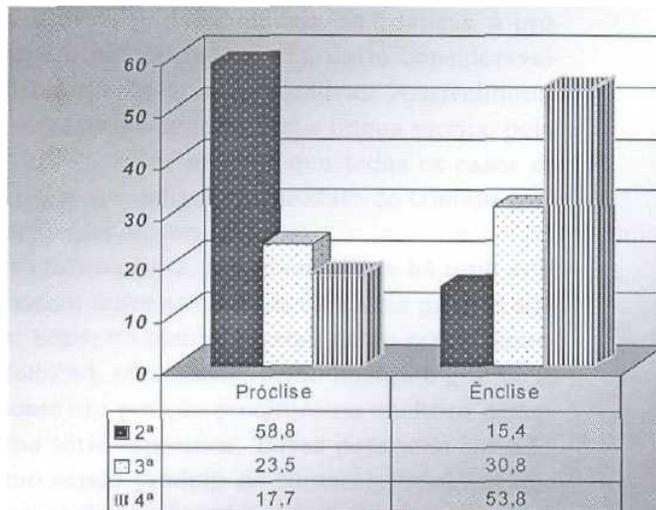
Distribuição do emprego da próclise e da ênclise em frases do discurso direto com verbo no imperativo, na escola particular.

NOME CRIANÇA	TURMA	PRÓCLISE	ÊNCLISE	NOME CRIANÇA	TURMA	PRÓCLISE	ÊNCLISE
josivânia	2 ^a	2	-	MaTceia™	2 ^a	1	1
Luana	2 ^a	2	-	Lais	2 ^a	1	1
Iolaene	2 ^a	1	1	Luana	2 ^a	1	1
Katiane	2 ^a	2		Fco Euclides	2 ^a		2
Crasielle	2 ^a	1	1	Filipe	2 ^a	1	1
Alana	2 ^a	2	-	Cesário Bruno	3 ^a		2
Aldenizia	3 ^a	1	1	Mariana	3 ^a	1	1
Angelison	3 ^a	-	2	Joice	3 ^a	-	2
Antônia	3 ^a	2	-	Cláudia	3 ^a	-	2
Cristiano	3 ^a	1	1	João Artur	3 ^a	1	1
Samya	4 ^a	-	2	Caroline	4 ^a	2	-
Riido	4 ^a	1	1	Rafael	4 ^a	-	2
ernanda	4 ^a	1	1	Ticiania	4 ^a	1	1
Jansênio	4 ^a	1	1	Natasha	4 ^a		2
Antônia Carolina	4 ^a		2	Francisca Paula	4 ^a	1	1
Total de				Total de ocorrências			
		17	13			10	20
Vo		56,7	43,3	%		33,3	66,7

(4) Conceções de crianças sobre a ênclise e a próclise em frases imperativas. Que deve aparecer em livros". Revista Letras de

Sobre as crianças da escola pública, gostaríamos de fazer uma observação que consideramos relevante: das 17 ocorrências de próclise em frases imperativas, 10 (58,8%) foram empregadas por crianças da 2^a série, que corresponde a 1/3 do total das crianças entrevistadas.

Gráfico 1: Frequência da próclise e da ênclise por crianças da escola pública.



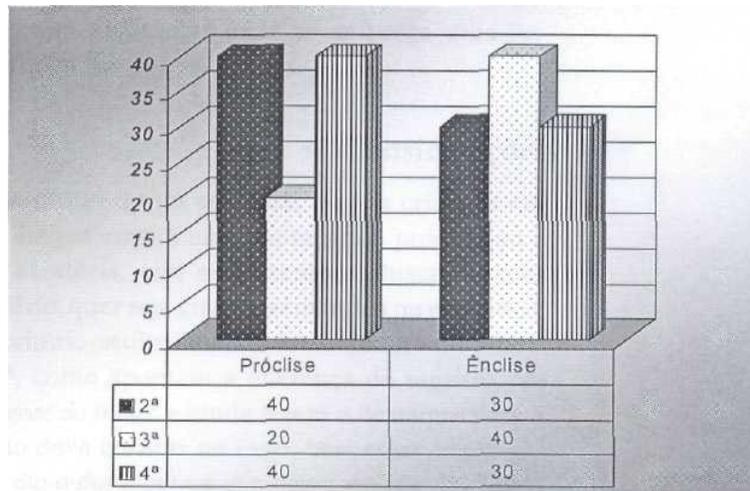


Gráfico 2: Frequência da próclise e da ênclise por crianças da escola particular.

Observando o gráfico 1, que apresenta o uso da próclise por crianças da escola pública, percebemos que há uma involução no emprego do pronome nesta posição, ou seja, as crianças, à proporção que se adiantam na série (3ª / 4ª), usam consideravelmente mais a ênclise em estruturas imperativas. Possivelmente isso seja fruto do seu crescente contato com a língua escrita, pois, como afirma Kato (1994): "pode-se dizer que todos os casos de ênclise produzidos pelos aprendizes são produto do contato com a escrita ou da intervenção da escola".

Comparando os gráficos 1 e 2, percebemos que há uma diferença de comportamento entre as crianças da escola pública e as da escola particular. Estas, no cômputo geral, usam predominantemente a ênclise (66,7%), no entanto, como mostra o gráfico 3, o emprego do pronome em posição proclítica ou enclítica não se destaca em nenhuma série específica. Talvez possamos considerar esta atitude como sendo produto do contexto social em que vivem essas crianças: as da escola pública, até entrarem no ensino formal, geralmente não têm oportunidade de ter contato com a linguagem escrita como as da escola particular. Estas, mais frequentemente, desde pequenas, têm acesso a livros de história, jornais e até frequentam ambientes onde se emprega uma linguagem mais próxima da linguagem escrita.

3. Considerações

Essa experiência nos permitiu constatar que as crianças em fase de aquisição da língua escrita não empregam a próclise ou a ênclise de maneira aleatória, elas estão sempre ajustando suas escolhas a algum critério, quer seja gráfico, semântico ou estilístico. Em se tratando do critério estilístico, elas tanto observam a norma, "*assim é carroto*", como apontam a diferença de registro, "*os caçadores falam diferente do índio*" e ainda fazem, o destaque para o que deve e o que não deve constar no livro, "*tem essas coisas que a gente diz no nosso dia-a-dia e outras que ficam melhor pra livro*". Quer dizer, as crianças têm preocupações que vão além simplesmente do que se encontra na gramática tradicional, que analisa a

colocação pronominal a partir de critérios morfológicos - "classes de palavras que atraem os pronomes".

O emprego da ênclise em construções do discurso direto em que o verbo aparece no imperativo nos permite uma observação: a escola nem sequer faz a ponte entre o uso dos clíticos e o tipo de discurso, já que se limita a repassar as regras ditadas pela gramática tradicional. Em relação ao emprego do clítico em frases imperativas, a ênclise é simplesmente determinada como correta, pois é vetado o início de qualquer oração com pronome oblíquo.

Acreditamos que a escola poderia trabalhar o emprego do clítico de forma produtiva, sem ter que, como afirma Kato (1994), "atuar como uma das forças conservadoras, para recuperar as perdas linguísticas no domínio dos clíticos".

O trabalho da escola é tão descompassado com o uso que a criança faz da língua que, segundo Corrêa (1991) e Nunes (1993), "o aparecimento dos clíticos na escrita é anterior ao seu aparecimento na fala dos mesmos sujeitos".

ABSTRACT: Some researches had already confirmed that in Brazilian Portuguese there is a preference by using proclisis, mainly when the clauses are in direct speech. The main objective of this paper, that also approaches Brazilian Portuguese use of clitics, is to show "how do children, while learning their written languages, use clitics in direct speech when clauses are structured with verb in the imperative. To proceed the analysis we have examined the use of the pronouns in these structures, interviewing 15 children from private schools and 15 from public schools to demonstrate which criteria (whether graphics, semantic or stylistic) they follow to make their choices. It became clear, after analysis, that children acquiring written language, do not employ clitics at a random way, but they adapt their choices to graphic, semantic and stylistic criteria. It was also revealed that school gives the imperative and normative treatment in use of clitics in imperative phrases disregarding contexture questions in linguistic use. **KEY WORDS: Clitics; written language acquisition**

Bibliografia

ALMEIDA, Napoleão M. de (1941). Crase, colocação dos pronomes oblíquos, infinito pessoal. São Paulo: Saraiva.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire (1987). "A escrita da linguagem domingueira". In: FERREIRO, E. e PALÁCIO, M. G. Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas.

CAGLIARI, L. C. "Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais". In: ILARI, Rodolfo (org.) (1993) Gramática do português falado. **Campinas-SP**, Editora da UNICAMP

CÂMARA JR. J. Mattoso (1985). Estrutura da língua portuguesa. 15 ed. Petrópolis: Vozes.

CORRÊA, V. (1991). O objeto direto nulo no português do Brasil. Campinas-SP: UNICAMP (Dissertação de Mestrado).

CUESTA, P. V. e DA LUZ, M. A. M. (1971). Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Edições 70, (Coleção Lexis).

- CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. (1985). Nova gramática do português contemporâneo. RJ: Nova Fronteira.
- FARACO, C. A. (1992). Escrita e alfabetização. São Paulo: Contexto.
- JAEGGLI, Osvaldo A. (1986). "Three issues in the theory of **clitics**: case, doubled NPs, and extraction" In: H. Borer. Syntax and semantics: the syntax of pronominal clitics. New York, Academic Press.
- KATO, Mary A.(org.) (1988).A concepção da escrita pela criança. São Paulo: Fontes.
- _____ (1994). "Português brasileiro falado: aquisição em contexto de, mudança linguística." Texto de Palestra conferida no Congresso Internacional sobre o Português. Lisboa.
- LUZ FILHO, Fábio (1956). Os pronomes oblíquos - o emprego do infinitivo. RJ; Irmãos Pongetti.
- MONTEIRO, José Lemos (1991). Os pronomes pessoais no português do Brasil. UFRJ, Tese de Doutorado.
- MOREIRA, Nadja da C. R. (1991) O nome próprio na aquisição da escrita - a construção da nasal pré-consonantal. PUC-SP, Tese de Doutorado.
- NUNES, J. M. (1993). "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro.": In: **KATO**, Mary A. e **ROBERTS**, Ian. (orgs.). Português Brasileiro; uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo. Campinas-SP: Edit. da UNICAMP.
- PAGOTTO, Emílio G. "**Clíticos**, mudanças e seleção natural" In **KATO**, M. A. e **ROBERTS**, I. (orgs.) (1993). Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo. Campinas-SP, Edit. Da UNICAMP.
- _____ (1992). A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico. UNICAMP (Dissertação de Mestrado)
- SAID ALI M. (1966). Dificuldades da língua portuguesa. RJ; Acadêmica.
- SMITH, Frank (1982). Writing and the writer. New York, Holt, Rineheart and Winston.